

Clínicas de infertilidade necessitam de controle



Mônica Zarattini/AE

Seminário que começa amanhã, promovido pela Unesp, vai discutir questões ligadas à anticoncepção, feminismo e o impacto das novas tecnologias reprodutivas

ROLDÃO ARRUDA

Em 1982 existiam no Brasil seis clínicas particulares especializadas em inseminação artificial de mulheres. Passados quase 13 anos, elas já são 44. Para casais com problemas de infertilidade e em condições de desembolsar de R\$ 4 mil a R\$ 6 mil, a multiplicação das clínicas significa maiores chances de acesso às novas técnicas de fertilização. Mas há um outro lado da moeda, que começa a ser discutido por feministas e analisado em estudos acadêmicos. Trata-se da necessidade de controle sobre essas clínicas. Também se fala na construção de uma nova ética, capaz de responder às mudanças científicas que estão colocando o processo de reprodução fora do corpo.

Um dos sinais dessa preocupação é um seminário que a Universidade Estadual Paulista (Unesp) promoverá nesta semana, entre amanhã e sexta-feira, no campus de Araraquara, a 282 quilômetros da Capital. Com a presença de estudiosos do Brasil, França, Canadá e Estados Unidos, o encontro vai discutir questões ligadas à anticoncepção, feminismo e, principalmente, o impacto das novas tecnologias reprodutivas. Uma das estrelas do evento é a americana Gena Corea. Diretora do Institute on Women and Technology, de Massachusetts, ela se tornou famosa entre as feministas pelo seu livro *Mothers Machine*, no qual aponta o risco de as mulheres serem transformadas em máquinas produtoras de óvulos para inseminação artificial.

A socióloga Lucila Scavone, professora da Unesp e coordenadora do seminário, observa que raras vezes se discute a atuação das clínicas de inseminação artificial. Ela lembra que parte das técnicas usadas nessas clínicas ainda é experimental e que nem sempre as mulheres são alertadas sobre seus problemas, tais como a baixa probabilidade de o recurso funcionar e os dramáticos incômodos que o corpo sofre durante o tratamento. A estimulação hormonal

nas mulheres produz uma vasta gama de sintomas, que variam desde enjôo e alteração do peso à hipertrofia dos ovários.

Outro fato preocupante, segundo a socióloga, é o que ela chama de banalização da infertilidade. "Sem dar tempo necessário para o casal viver sua própria esterilidade e superá-la, alguns centros de tratamento propõem a fertilização in vitro seis meses após o casal suspender o uso de contraceptivos", diz Lucila. "Com isso, reedita-se a norma do dever de procriar, já que a fertilidade artificial torna-se disponível como mercadoria."

Para a médica Fátima Oliveira, que será uma das mediadoras dos debates de Araraquara, o interesse das feministas deve-se ao fato de recair sobre o corpo das mulheres as consequências decorrentes das novas técnicas de reprodução.

"Mesmo quando a infertilidade é masculina, quem recebe o tratamento é a mulher", diz Fátima, que é pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e integrante da União Popular de Mulheres de São Paulo. Por causa disso, ela defende maior vigilância sobre a segurança das terapias.

"Não podemos perder de vista que o comércio da infertilidade é um negócio fabuloso, movimenta milhões de dólares e só respeita a ética do mercado."

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a socióloga Alejandra Ana Rotania, está preparando uma tese de doutorado em que analisa exatamente as relações entre o feminismo e as novas tecnologias de reprodução. Para a socióloga, a fertilização in vitro abriu caminho para uma interminável série de pesquisas científicas que envolvem doenças genéticas, gravidez, menopausa, congelamento e armazenamento de embriões, utilização de embriões em experimentos, fabricação de úteros artificiais e muito mais. "Caminhamos para uma separação entre a reprodução e o plano das funções biológicas da mulher", afirma Alejandra.

**LIVRO APONTA
PERIGO DE
MULHERES SE
TORNAREM
MÁQUINAS DE
ÓVULOS PARA
INSEMINAÇÃO**

Margareth Arilha: "O que eu pergunto é o seguinte: deveria ou não haver uma indicação sobre o número de embriões implantados?"